

O que meus olhos (não) viram, o que viveu minha mente: memória e autobiografia em José Rodrigues de Paiva

Maria Aparecida Ribeiro¹

Resumo: Embora haja no Brasil uma série de poetas cuja ascendência seja de imigrantes das mais variadas origens, são raríssimos aqueles que revelam ser descendentes de portugueses e cantam Portugal como raiz. José Rodrigues de Paiva é uma dessas exceções. Sua poesia não só fala de Coimbra, cidade em que nasceu, no Alto de São João, mas de onde saiu com apenas quatro anos de idade, como de outras terras portuguesas, que conheceu, mais tarde, pessoalmente, ou que, através de relato de seus familiares, lhe desencadearam algum sentimento. No entanto, à Sé coimbricense, à Torre de Anto, ao rio Mondego, à Quinta das Lágrimas, a Alcarraques (lugar das origens maternas), a Lagos, Tavira, Vila Real de Santo António, ao Marão, ao Gerês, misturam-se os momentos vividos na Várzea recifense, entre o açude, os cajus, as mangas, e os folguedos infantis. Escolhendo ora o tom épico ora o lírico, o poeta embebe essa memória de uma outra: a dos próprios poetas portugueses (Camões, Pessoa, D. Dinis, etc.) aos quais se juntam as vozes de autores brasileiros (Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias, João Cabral, Drummond, César Leal, entre outros), além das de escritores norte-americanos, italianos, argentinos, franceses... É desse resgate das origens por vozes das próprias origens, desse viver como suas experiências de outros e dar-lhes corpo na palavra poética, desse revelar por palavra própria o que viram ou imaginaram o homem e o poeta, que pretende tratar o presente artigo.

Palavras-chave: José Rodrigues de Paiva. Memória. Raízes.

Abstract: Although there are in Brazil many poets whose roots are in immigrants of various origins, seldom does any reveal themselves to be descendants of Portuguese and praise Portugal as their roots. José Rodrigues de Paiva is one of these exceptions. His poetry not only speaks of Coimbra, city where he was born, in Alto de São João, and from whence he left at only four years old, but also of other Portuguese lands he visited, later, personally, or that, through stories from his relatives, some sentiment provoked. However, mixed in with the Sé coimbricense,

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é professora Convidada com Agregação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Torre de Anto, Mondego river, Quinta das Lágrimas, Alcarraques (where his mother was from), Lagos, Tavira, Vila Real de Santo António, Marão, Gerês, are moments lived in Recife's Várzea, among the weirs, the cashews, the mangos and the childhood festivals. Choodins an epic tone, then lyric, the poet drenches this memory with another one: that of the Portuguese poets (Camões, Pessoa, D. Dinis, etc.) joined by the voices of Brazilian authors (Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias, João Cabral, Drummond, César Leal, among others), as well as North American, Italian, Argentinian, French writers... It is this recovery of his roots through the voices of the originals themselves, this living as his own the experiences of others and embodying them in poetry that the present article intends to discuss.

Keywords: José Rodrigues de Paiva. Memory. Roots.

Résumé: Il y a au Brésil de nombreux poètes provenant d'émigrants d'origine très diverse, mais ceux qui révèlent avoir des ascendants portugais et qui chantent le Portugal comme leur racine sont très rares. José Rodrigues de Paiva est une de ces exceptions. Sa poésie ne parle pas uniquement de Coimbra, la ville où il est né, à Alto de S. João, mais qu'il a quittée à peine âgé de quatre ans, mais d'autres lieux aussi, qu'il a connus plus tard personnellement, ou qui l'ont ému à travers l'évocation de plusieurs parents. Aux moments vécus à la cathédrale de Coimbra, à la Tour d'Anto, au fleuve Mondego, à la Quinta das Lágrimas, à Alcarraques (l'endroit de ses origines maternelles), à Lagos, Tavira, Vila Real de Santo António, à Marão, à Gerês, se mêlent ceux qu'il a passés à la Várzea de Recife, entre l'écluse, les cajous, les mangues, et les jeux enfantins. Choissant soit le ton épique, soit le lyrique, le poète enduit cette mémoire d'une autre: celle des poètes portugais (Camões, Pessoa, D. Dinis, etc.) à laquelle se joignent les voix d'auteurs brésiliens (Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias, João Cabral, Drummond, César Leal, parmi d'autres) et celles d'écrivains nord-américains, italiens, argentins, français... C'est de cette reprise des origines à travers les voix de ses propres origines, de l'appropriation des expériences d'autrui en leur donnant un corps poétique, de cette révélation par la parole personnelle de ce que l'homme ou le poète ont vu ou imaginé, que cet article prétend traiter.

Mots-clés: José Rodrigues de Paiva. Memoir. Racines.

O primeiro livro de José Rodrigues de Paiva, já no título, *O Círculo do Tempo*, publicado em 1972, indicia um certo gosto pela memória; o gosto pela memória, que o termo recordar, associado por Emil Staiger à lírica e que encerra a ideia de trazer de novo ao coração. Afinal, a forma do círculo dá essa ideia de retorno, no caso uma volta à determinada época ou de determinada época. O segundo livro, *Memórias do Navegante*, de 1976, mostra claramente o gosto pelo

tempo e pela recordação, pessoalizando-a, com uma palavra que tanto pode indicar aquele que entende a vida como viagem ou lembrar a própria ascendência do autor, já que José Rodrigues de Paiva tem suas raízes em Portugal, país de navegantes por excelência. *Vozes da Infância*, de 1979, que reúne poemas escritos entre março de 1975 e dezembro de 1976, tem marcada, mais uma vez, no próprio nome da obra, a fidelidade do autor à lembrança. Se o título de *Os Frutos do Silêncio* (1980) não possui a marca do tempo ou da memória, o mesmo não se pode dizer de *Eros no Verão* (1983), cujos poemas foram escritos entre dezembro de 1975 e junho de 1976 e vem assinalado pelo Estio, que faz parte do círculo do tempo.

Mas um título é apenas um indício. Importa saber se de fato a recordação está presente na lírica de José Rodrigues de Paiva e de que tipo são suas lembranças: vividas? De leituras feitas? Imaginadas?

Para analisar a recordação do vivido ou do imaginado em José Rodrigues de Paiva serão tomados *O Círculo do Tempo*, *Memórias do Navegante*, *Vozes da Infância*, fazendo-se ainda referência a um ou outro poema incluído em *As Águas do Espelho* (2008), que reúne a obra poética do autor.

1. *O Círculo do Tempo* tem epígrafes recortadas do *Eclesiastes*, de Jorge de Lima, de T. S. Eliot. O livro do *Antigo Testamento* fala do circuito permanentemente percorrido no tempo; o poeta brasileiro lembra a ambiguidade que nele existe, pois o que é uma coisa já foi outra; o anglo-americano diz que o passado e o futuro convergem sempre para um fim presente. Se os três excertos sinalizam a ideia de círculo, o do *Eclesiastes* e o de Lima associam-na às variações da Natureza: o sol, que surge e desaparece e torna a voltar; o vento, que vai

para Sul, depois para Norte, e torna a voltar; a luz diurna, que se faz crepuscular, criando a ideia de tempo ambíguo.

Uma glosa a essas epígrafes é o poema de abertura, homônimo do livro. Reiterando a ideia de circularidade, o poeta retoma também a do eterno retorno na Natureza, valendo-se da sequência das estações. Primavera, verão, outono e inverno surgem marcados por elementos não da tropical paisagem pernambucana, mas da natureza europeia: são as “chagas perfumadas dos pinheiros”, os “roseirais silvestres”, os ninhos dos tordos, o “ouro” que substitui o “verde” das folhas das árvores; as árvores despidas de folhas, a presença do vento Norte, os “pinheiros cobertos de alvas mortalhas”; “os lobos das florestas”, a cotovia (PAIVA, 1996, p. 14-15). Já as vozes de sinos, que marcam, no poema homônimo, o crepúsculo, são comparadas à de um pássaro brasileiro — o juriti (assim mesmo, no masculino, em dicção nordestina) e acompanhadas pela voz de um outro, cujo canto lembra o som dos metais — a araponga (PAIVA, 1996: p. 31).

O sino volta a aparecer no poema “Memória” também como marca do tempo: um interior, em que as lembranças se apagam, o da névoa; um exterior, o da morte, em que surge um “tempo sem idade, / sem passado e sem futuro” (PAIVA, 1996, p 32).

Dedicado a Miguel Torga, “O eterno fluir do tempo”, segundo poema do livro, glosa o tema da mudança, presente na literatura portuguesa desde Sá de Miranda. Enquanto, porém, o poeta de “O sol é grande”, apenas constata que “[...] tudo o mais renova / isto é sem cura” (MIRANDA, 1989, p. 81), José Rodrigues vai mais num caminho diferente: “nada se transforma totalmente / Muda o envólucro, o núcleo permanece” (PAIVA 1996, p. 18).

Em “Anunciação do tempo”, o poeta encontra (tempo presente, portanto) um antigo companheiro que lhe anuncia um tempo futuro, que inaugurará um outro tempo. O encontro se dá na hora do crepúsculo, momento ambíguo, para retomar um dos conceitos que servem de epígrafe ao livro, em que o presente se despede em direção ao passado, mas, ao mesmo tempo, já é futuro. Associam-se, dessa forma as ideias de tempo e lembrança.

Em “Cidade Adormecida” é a noite que o poeta escolhe para trazer à cena uma paisagem que bem pode ser a de Recife, pois há avenidas e edifícios, bem como “ruas tortuosas” (PAIVA, 1996, p. 23) e, sobretudo, há um rio. Um rio cujos fantasmas fazem que o eu lírico pergunte pelos “velhos tempos mortos” (PAIVA, 1996, p.24). E, se nesse texto, o poeta procura a lembrança, em “No Meio do Caminho”, o que ecoa é, subliminarmente, a memória dos versos de Dante, além de alguns vetores da poesia de José Régio. Ampliando a floresta da *Divina Comédia* ou retomando as “florestas virgens” (RÉGIO [1955] p. 109) do poema mais conhecido do presencista e que Villaret ajudou a divulgar e registrando-as como “labirinto do mundo” (PAIVA, 1996, p. 24), ele aconselha à Arlene, a quem dedica o texto, que, como o eu-lírico do “Poema Negro”, não queira seguir, os conselhos alheios (“porque os outros, por mais que te conheçam / e se digam teus amigos, / jamais te conhecerão tão profundamente / para te dizerem com acerto / ‘Faz isto... Faz... aquilo’” (PAIVA, 1996, p. 25); enfim, recomenda que siga seus próprios caminhos. A estas indicações soma-se a de não tentar adivinhar o futuro, porque “o tempo ao tempo se revela” (PAIVA, 1996, p. 24), de “nada vale saber os acontecimentos futuros” (PAIVA, 1996, p. 24), afirmações onde se podem vislumbrar uma outra memória: a do

existencialismo, que perpassa de alguma forma o texto de Régio e de maneira evidente o de Vergílio Ferreira, autor de eleição de Rodrigues de Paiva, sobre quem viria escrever sua dissertação de Mestrado (1984) e sua tese de doutoramento (2006).

“A Invenção da luz”, poema dedicado a César Leal, tematiza o círculo do tempo, com base na sequência de noites e dias, enquanto em “Germinação da vida”, o nascimento do milho (outro recurso a elemento da paisagem brasileira) vem marcado pelas únicas estações nítidas no Brasil: verão e inverno. Também “Pássaros na colheita” vem marcado pelo tempo, seus sons e cheiros: o do metal, “o canto alado” (PAIVA, 1996, p. 35), cortando o milho, e o dos pássaros, fazendo eco, a esse “canto ferro” (PAIVA, 1996, p. 35); o “cheiro doce” (PAIVA, 1996, p. 35) trazido pelo vento. O tempo, sob o nome do inverno, surge ainda em “Paisagem rural”, onde Rodrigues de Paiva refere figuras exclusivamente da paisagem nordestina — o açude, o mar-canavial, os cangaceiros — além da taipa, do barro, daquele mundo “estreito”, que “parece ter parado” (PAIVA, 1996, p. 38), da cidadezinha qualquer (para usar o título do poema de Drummond), onde só o que há de movimento, e assim mesmo de longe em longe, são “[...] o sino, o padre, / um coro, vozes, cantos, / a festa, a romaria / e a procissão dos santos” (PAIVA, 1996, p. 38).

Essa mesma paisagem quase imóvel nordestina, embora agora sem qualquer presença humana, aparece tematizada num poema dedicado a Ariano Suassuna, — “Paisagem de silêncio”: “mineral”, “de sol”, “que mata / ou afugenta a pouca vida que resta”, “paisagem-solidão” (PAIVA, 1996, p. 39-40) é como o poeta a classifica, para tornar a evocá-la nos poemas “Chão-de-pedra, sol-de-fogo” e em “Fruto-flor de sol-verão”.

Medeados por um poema de amor, “Canto Marinho”, os últimos poemas de *O Círculo do Tempo* falam das águas — da nascente, do riacho, do rio, do mar — que tanto podem ser brasileiros, como europeus, já que em “A Ilha” surgem “acácias”, mas também “tílias” e “pastores” (PAIVA, 1996, p. 52). Apesar da presença desses elementos, que obedecem a uma periodicidade vital, “A Ilha” situa-se em um não tempo, num lugar onde o “tempo não reina”, “tudo é igual”, “é tudo eterno”, “não existe verão nem há inverno” (PAIVA, 1996, p. 52), embora o sol nasça, despertando a ilha, e haja crepúsculo e noite.

Assim, embora contenha elementos tirados quer da paisagem europeia quer da brasileira, *O Círculo do Tempo*, não é um livro marcado pela recordação, nem pelo autobiográfico (embora nele se cruzem memórias da infância passada no nordeste brasileiro e alguma lembrança europeia transmitida a José Rodrigues por via da leitura, da própria experiência ou da vivência de outrem), mas uma obra que constitui uma espécie de reflexão sobre o tempo e as mudanças que opera.

2. *Memórias do Navegante*, motivado, como refere o próprio autor, pelas comemorações do IV centenário da publicação de *Os Lusíadas* (PAIVA, 2000, p. 10), traz dois tipos de recordação: a da epopeia camoniana e a da saga familiar. Aliás, nesse livro pode ver-se o que Lejeune (PAIVA, 1998, p. 17) considerou, embora para textos em prosa, um 'pacto autobiográfico', pois Rodrigues de Paiva, ao traçar a “Memória das Memórias”, inclui, entre os dados do nascimento e crescimento do poema, a colheita de elementos temáticos na viagem que fez a Portugal, em 1972, das suas “peregrinações sentimentais” (PAIVA, 2000, p. 10-11), como as denomina.

Trata-se de um único poema dividido em dez partes, em versos decassílabos e em oitava rima, como requereria a obra máxima de Camões. Mas a saga pessoal que lhe dá origem faz ruína da proposição, da invocação e da dedicatória, tipicamente épicas, transformando o texto de Rodrigues de Paiva em poema lírico: o poeta propõe-se cantar “coisas antigas: sonhos, viagens, infâncias soterradas”(C. I, v. 25-27) etc.; deixa de lado as Musas e invoca outros poetas, lendários ou históricos — Orfeu, Camões, Virgílio, Homero e Dante —, para as suas “batalhas” onde apenas palavras são “armas empregadas” (cf. C. I, v. 45-46); dedica o poema ao oceano e ao tempo. Por outro lado, a natureza do que será o objeto de seu canto, prepara o terreno para partes bem mais independentes que os episódios de *Os Lusíadas*, já que o onírico e o imaginário não têm de seguir uma sequência lógica ou de interdependência; inicia-se, então, uma “travessia / do oceano do tempo aprisionado / nas sombras das memórias sem passado” (C. I, v. 78-80).

Essa viagem leva, no terceiro canto, à ilha-infância, onde surge a memória das tílias, abundantes em Coimbra, lugar onde José Rodrigues de Paiva nasceu e viveu até os cinco anos, no Alto de São João, numa casa do século XVIII-XIX, que foi destruída há cerca de dez anos, para dar origem a uma rua, naquele espaço onde, nos anos de 1950, era o cinturão rural da cidade. A essas memórias, misturam-se, já no quarto canto, o açude, as pescarias, os anuns, os bem-te-vis e as lavadeiras, os bambus siameses, as palmeiras e o ingazeiro da Várzea recifense, além do imaginário do poeta-menino que se pensava *cowboy*, índio, toureiro, nas brincadeiras de então. A par dessa memória biográfica, faz-se também presente a memória de quatro poetas, através da evocação de seus versos: Joyce, no título do canto; Jorge de Lima, pela colagem da

“Biografia”, extraída do canto VIII, de *A Invenção de Orfeu*; Dante pela inserção do “*mi ritrovai per una selva scura*”, da *Divina Comédia*; Drummond, pela transposição de “e tanta indecisão entre dois mares” dos “Versos à boca da noite”, incluídos em *A Rosa do Povo*.

O quinto canto substitui o que n’ *Os Lusíadas* é a vitória dos portugueses sobre o medo da ultrapassagem do cabo das Tormentas pela luta dos poetas com as palavras. Onde Camões revisita Adamastor, mito da Antiguidade (embora discutível), José Rodrigues evoca Shakespeare (o *words, words, words*, do diálogo de Hamlet com Polonius) já no título que confere ao Canto; Sísifo (e com ele talvez Camus) que, no caso, é a figura do poeta; T. S. Elliot, nos versos de “East Cooker” dos *Quatro Quartetos* e, subliminarmente, João Cabral, em sua “Lição de poesia”, ao falar da luta do poeta, agora não com a página em branco, mas com o conhecimento do significado das palavras: “Poeta, que sabes tu acerca da pedra, / do rio, do mar, da fugidia gaivota?” (C. V, v. 431-433). Além dessa memória poética, Rodrigues de Paiva faz, mais uma vez uma incursão sobre um de seus temas favoritos: o tempo. Pergunta ele: “Que sabes tu [...] / sobre o irredimível tempo que jamais descansa / na longa caminhada que empreendeu / desde o antigo instante inicial [...]?” (C. V, v. 431-437). E lembra que “para tudo / há um tempo sobre a terra” (C. V, v. 455).

A *Divina Comédia* informa o canto VI: não somente no título, que retoma os primeiros versos do “Inferno”, repetidos no final do canto, mas também nos versos 528-529, quando, em Língua Portuguesa, Rodrigues de Paiva reescreve os versos do fiorentino, no “Paraíso” — “procuramos ali nova guarida, / para portos estranhos navegando, / no

vasto mar do ser, no mar da vida”²; ou quando, mesmo em Italiano, alude a Apolo conduzindo os navegantes pelo caminho das estrelas (no caso num jogo com o nome da nave que levou ao espaço Neil Armstrong e seus dois companheiros) — “*Minerva spira e conducemi Apollo*” (C. VI, v. 531); ou ainda escreve, misturando Português e Italiano “Do céu, la *prima stella* eles alcançaram”³. Também evocam Dante a menção à Rosa (a Virgem Maria na *Divina Comédia*) e a passagem do poeta pela lua, primeiro estágio de sua viagem ao Paraíso, acompanhado de Beatriz.

De *Os Lusíadas*, comparece às *Memórias de um Navegante*, neste sexto canto, a invocação à Divina Guarda, feita por Vasco da Gama quando da chegada da tempestade. Agora, porém, a invocação é a “Eli”, “Senhor”, “Bússola do Mundo”, “Eterna Chama” e outra é a tempestade: a das névoas do tempo, que não permitem voltar ao caminho certo.

O início do sétimo canto, “Regresso ao Tempo da Origem”, é marcado, como gosta Rodrigues de Paiva, por uma estação do ano. No caso, a primavera, mas a primavera europeia, já que “Corria abril, nos campos espantados / com a luz primaveril de tantas flores / que nasceram do sol, após o inverno” (C. VII, v. 650-653). É um canto que divide a viagem entre a chegada ao Brasil — “à terra do verão, sol sempre aceso / sobre o reino de pedra, novo mundo” (C. VII, v. 675-676) — e o “esperado regresso ao chão de origem”(C. VII, v. 720-721), construído por referências topográficas e literárias, colhidas ou ativadas na viagem que, em 1972, Rodrigues de Paiva e a família (pai, mãe e as duas irmãs), fizeram a Portugal: “Minerva na colina” (numa alusão à

² “onde si muovono a diversi ponti / per lo gran mar dell’essere, e ciascura / con istinto a lei dato che la porti” (I, 112-114).

³ Cf. (“che n’ha congiunti con la prima stella”, DANTE, Paraíso, II, 30)

Universidade de Coimbra), “margens do Mondego”, “capas negras”, “rouxinóis”, “lamentos de guitarras” (C. VII, v. 715 *passim*). Mas são também referências geográficas — Lagos, Cabo de São Vicente, Tavira, terras frias do norte, Marão, Gerês, Vinhais — e histórico-lendárias, como Viriato e Inês de Castro. Cruzam-se nesse canto a memória do que os olhos de José Rodrigues viram e a daquilo que não viram, mas que é fruto de sua imaginação de poeta, porque, afinal, “é tarefa de Orfeu [...] reconstruir um canto, a voz de um búzio soterrado no tempo, sob a areia da memória que sabe a um canto mudo” (PAIVA, 2008, p. 103). Um exemplo são os versos 749-750: “Sobre as pedras da Estrela, sobre a Serra, / Viriato tão grande e eu tão pequeno. / Sobre a neve da lã, tantas ovelhas, / cães de guarda com garras no pescoço/ capotes de pastores, Viriatos, / que sucedem no tempo a Viriato”. E há ainda a memória literária. Se a palavra de Camões informa o texto, também a de Gonçalves Dias; numa outra canção do exílio, diz Rodrigues de Paiva:

Sem-lei-nem-rei, sertão-sertões corremos
Exilados da pátria, sem canção,
Sem sabiás-da-mata, sem palmeiras,
Sem Amélia ou Inês que confortasse
O pranto destes olhos estrangeiros
Tão distantes do chão onde nasceram. (C.VII, v.689-694)

Essa memória poética continua pelo canto oitavo, quando o navegante escreve aos poetas do futuro: são versos da *Flores do Mal*, de Charles Baudelaire, da “Ursa Maior” de César Leal, da “Invenção de Orfeu” de Jorge de Lima; alusões a Camões e seus “barões”, Drummond, João Cabral de Mello Neto e sua geometria da composição, Garcia Lorca, Jorge Luis Borges, Faulkner, Tzara, Pessoa e sua “Ode Triunfal”, a Fernando Namora e a *O Trigo e o Joio*. A essa memória somam-se a

lembrança da “Guernica” de Picasso, de “Quinta Sinfonia” de Beethoven, das cantatas de Johann Sebastian Bach, e de paisagens, agora brasileiras e mais especificamente recifenses: “sol intenso / a quente primavera / setembro / outubro / novembro nas acácias / o *flamboyant* flor(indo)” (C. VIII, v.928-930).

No canto IX, a memória dos poetas continua: Camões, pela citação “Onde a terra acaba e o mar começa”, extraída do Canto III de *Os Lusíadas*; Dante, mais uma vez pelos versos do Canto III da *Divina Comédia*; e Edgar Allan Poe, em mais uma alusão a “O Corvo”: “e à vossas costas, sempre um corvo triste, *nunca mais, nunca mais, nunca mais*, murmura lúgubre” (C. IX: v. 1110-1111). E a própria memória biográfica de Camões penetra no texto, misturada à da guerra do Vietnã, contemporânea da elaboração do poema por Rodrigues de Paiva: se o rio Mekong se liga a *Os Lusíadas* pelo episódio do naufrágio sofrido pelo poeta português e a salvação de seu poema épico, em *Memórias do Navegante*, a referência é ao palco de combate entre os vietnamitas e os norte-americanos — “a pomba da paz, / sempre assustada, / foge das garras / do sinistro abutre / que semeia a morte / em colinas e vales / e em voos circulares / faz mais negro / o céu brumoso / de um país sem dono” (C. IX: v. 1112-1121); mas é também uma alusão à segunda parte da guerra, quando, retirados os soldados norte-americanos, o vietnamitas do Norte combateram os vietnamitas do Sul: “o vento empurra um incêndio sobre chão / e os arrozais mudam de cor / à passagem das chamas renascentes./ Corre o sangue outra vez no rio Mekong” (C. IX: v. 1159-1162).

O Canto X, “O tempo circumnavegado”, não é, como em *Os Lusíadas*, um momento de glória, uma previsão dos acontecimentos futuros, mas uma síntese do acontecido. Mais uma vez, o olhar do

poeta se volta para o passado: misturam-se a memória literária — Camões, Dante, Fernando Pessoa, Drummond —, a memória da infância e a memória da juventude. Como em outros momentos do texto, surgem-nos a primeira pessoa do plural, um nós que tanto se pode referir a todos os portugueses do passado e do presente como à família migrante de José Rodrigues, como ainda ao conjunto formado pelo seu eu e o seu outro; e um tu com quem o eu dialoga, mas que faz parte de um Eu maior, um nós, dividido entre o homem que viu e viveu e o poeta que criou.

Se afloram, numa espécie de recapitulação, o que viram os olhos do jovem — Marão, Gerez, Alvão, pedras da Estrela, ovelhas, Viriatos, mouros Algarves, “Mondegos navegando entre choupais / levando cantos que não se ouvem mais” (C. X, v. 1419-1420), guitarras, “a velha Sé dormindo entre seus claustros / Inês chorando amores” (C. X, v. 1422), “versos tristes povoando a torre antiga na muralha / de capas medievais, negras batinas” (C. X, v. 1423-1425), o que a imaginação do poeta sonhou — “salteadores tomando de emboscada / praças, torres, castelos, fortalezas, [...] na sede incontável de matar” (C. X, v. 1405, 1406, 1408), nessa memória do real navegante do mar que liga Portugal e Brasil e que é também a de um navegante do sonho, surgem também neste último canto, fundidas, a imagem do Velho do Restelo e as palavras de Fernando Pessoa. Deslocada do Canto IV de *Os Lusíadas* para o Canto X das *Memórias de um Navegante*, a figura do Velho aparece não na partida, mas no fim da viagem, no retorno ao chão brasileiro. Contrariando as condenações da figura de *Os Lusíadas*, ele, pelas palavras de Pompeu que Pessoa revisitou, incentiva a viagem, o

sonho, a poesia: “Navegar, sim, navegar é preciso / Viver, não, viver não é preciso” (C. X, v 1635-1636).

3. *Vozes da Infância* é talvez o livro onde o pacto autobiográfico se torna mais evidente, já que na “Poética”, texto em prosa que precede os poemas, Rodrigues de Paiva conta um pouco de sua experiência, de seu modo de ser e estar no mundo, que, a seguir, serão escritos em verso.

O eu-adulto dialoga com o eu-menino — “Eram estas as águas em que vias / Teu rosto de menino refletido.” (PAIVA, 1986, p.31) — num jogo entre passado e presente:

[...] as águas do açude, paradas como antigamente,
ondulam levemente tocadas pelo vento
e lá estão ainda, debruçados sobre elas, os velhos ingazeiros
que, esquecidos do tempo
parecem contemplar-se eternamente nessas águas de espelho.
Bambus entoam cantos melancólicos
Tocados pelo vento do fim de tarde
Quando o bem-te-vi grita que a noite já vem [...]
Pula, de repente, um peixe brilhando ao crepúsculo [...]
(PAIVA, 1986, p.31)

Ou numa viagem (para usar uma imagem cara a Rodrigues de Paiva) entre realidade e sonho, entre acontecido e imaginado: “De espada à cinta corrias teus domínios, / recebias princesas e duques, pajens e arqueiros /que desfilavam em alvos cavalos ajaezados de prata” (PAIVA, 1986, p.30). Ou, num outro exemplo:

Seguiam caravanas de sombras
pelo céu.
Sobre o deserto azul galopavam beduínos
em camelos negros
e cavalos árabes
ajaezados de luz.
Camelos e cavalos
transformavam-se depois,
magicamente,
nas verdes tamareiras
de um oásis

que logo
se desfazia
em tênues colunas de fumaça e em transparentes rios que
se avolumavam
cristalizando-se em grandes
montanhas
de gelo. [...]
Eram verdades
que os nossos olhos viam [...] (PAIVA, 1986, p.37-38)

Apesar dessa referência a elementos europeus (a que se soma o fato de imaginar falcões de caça, a partir de jaçanãs), de ter nascido e passado a maior parte de sua primeira infância em Coimbra, é da Várzea de Recife, para onde foi a família (pai, mãe, José Rodrigues e suas duas irmãs), tão logo chegou ao Brasil, em 18 de abril de 1951, no navio "Alcântara", da Mala Real Inglesa, a maior parte das imagens recorrentes vistas pelos olhos do menino: "o açude, a campina, o estábulo // os bois pastando / no cercado / e na várzea" (PAIVA, 1986, p. 26); o "rio manso onde se debruçavam espinheiros floridos / e as lavadeiras em coro afogavam seus cantos"; as "jaçanãs assustadas"; "o ouro dos cajás" (PAIVA, 1986, p.30), "acácias em dezembro" (PAIVA, 1986, p.35); e mesmo os novos mitos — as "assombrações" que "se escondem entre as sombras da mata, / onde aparecem coisas que não são deste mundo" (PAIVA, 1986, p.31).

Não se pode deixar de assinalar aqui, uma imagem que, embora possa não ser apenas voz de infância, já apareceu em dois poemas de *O Círculo do Tempo* anteriormente mencionados: a do sino; juntamente com o crepúsculo, outra marca temporal, ele assinala novamente a névoa em que se esfumam as lembranças e a morte (PAIVA, 1986, p. 33).

Se *Vozes da Infância*, diferentemente dos outros livros, não

guarda, uma memória literária explícita ou evidente, tem, como as *Memórias de um Navegante* — aparentemente épicas, mas impregnadas de lirismo — muito de autobiográfico, como, aliás, já se viu. Além disso, como as *Memórias*, as *Vozes* são divididas como que em cantos, no caso, quinze, de poemas independentes, mas que vêm a constituir uma espécie de sequência, como no poema épico, mantendo-se, porém, incontestavelmente líricas.

4. *As Águas do Espelho*, cujo nome é tirado do poema VIII de *Vozes da Infância*, acima transcrito, reúnem, como já se disse, a produção lírica de Rodrigues de Paiva, excluídas as *Memórias de um Navegante*. Entre ela está um grupo de poemas, alguns inéditos, sob o título *Angustiário*. Mais memória é o que neles se vê. “Cinco elegias para o emigrante”, dedicadas a Joaquim Fortunato de Paiva — que migrou de Coimbra para Recife, em função de um contrato para trabalhar por três anos numa fábrica de porcelanas da família Brennand, localizada no Engenho São João, na Várzea, engenho esse que, ao tempo da Restauração Pernambucana pertenceu a João Fernandes Vieira — traçam o retrato moral do pai do poeta. Ele amava Portugal, ainda trinta anos depois de o haver deixado, mas também o Brasil, embora fosse a terra “sem pátria nem bandeiras” (PAIVA, 2008, p. 153), aquela com que realmente se identificava. Plantou em Pernambuco, no seu quintal e no de José Rodrigues, videiras de uvas negras, construiu casa, mas sua pátria, como diz uma das elegias, eram realmente os filhos, “unidos à distância das origens / a cultivar canteiros de lembranças” (PAIVA, 2008, p. 154). Bem se poderia ver aqui a raiz do gosto por declarar as origens portuguesas que assinala a poesia de Rodrigues de Paiva, mas também a da sua fixação no cultivo da

memória. Por outro lado, o plantar videiras em Pernambuco, mostra um aspecto da diáspora da cultura, um tópico abordado por José Rodrigues, no livro que escreve com Cláudio Aguiar: *Literatura e Emigração*.

Dessa coleção de angústias (como a de não estar no chão de origem ou a de haver perdido o que lhe deu a infância), que acabam, em alguns casos, por explicar as referências a sonhos perdidos em poemas de outros livros, faz parte o poema que José Rodrigues dedica à memória da mãe. Talvez sejam dela as “Lembranças dos verões de outras infâncias, / de outras árvores, / dezembros sem acácias” (PAIVA, 1986, p.35), que ele refere em *Vozes da Infância*, pois, como diz o poeta em “*In memoriam memoriae*”, Maria da Conceição Rodrigues narrava ao filho atividades do seu tempo de menina — caçadas a ninhos desprotegidos e pesca de enguias —, falava dos invernos, das enxurradas de água e neve, dos campos alagados, dos tentilhões, tordos, narcejas, aves características de sua terra, Alcarraques, no Baixo Mondego, distrito de Coimbra, cujo som do nome Rodrigues de Paiva menino estranhava, mas percebia ter o sentido de “país da infância” (PAIVA, 2008, p.62). Somente em 2012, em companhia de Arlene, sua mulher, de Rafael, um de seus dois filhos, e da minha, ele veio a conhecer Alcarraques.

Dessa memória materna, José Rodrigues deteve ainda nomes de antigas quintas de Coimbra, hoje desaparecidas, mas que legaram seus nomes às urbanizações surgidas em seu lugar: “*Pedrança*”, Quinta da

⁴ José Rodrigues, por estranhar o nome, pensando talvez tratar-se de uma corruptela, escreve-o em itálico. Trata-se, porém da Quinta da Pedrança, em Alcarraques, ainda hoje assim chamada, que está urbanizada.

Estrela⁵, das Flores⁶, das Varandas⁷ [...]” (PAIVA, 2008, p. 168).

5. A poesia de Rodrigues de Paiva revela uma grande fixação no passado: na origem portuguesa de seus pais, que também considera sua (Veja-se que ele escreve “nossa cultura”, referindo-se à cultura portuguesa) (PAIVA & AGUIAR, 2001, p.34), incorporando até as raízes mais velhas e profundas que o prendem a um passado antigo que seus olhos não viram (Cf. PAIVA, 2000, p.15); no período da infância passado na Várzea recifense, onde ele revisita cenas que viu ou que imaginou; naquilo que, mais tarde, veio a conhecer de Portugal, através de visitas ou de leituras.

A essa recordação, que confere a seu texto, mesmo àquele que poderia parecer épico, um caráter eminentemente lírico, vem juntar-se uma outra memória: a literária. Abundante, ela se mostra através de autores de nacionalidades várias, mas é talvez Camões aquele que tenha mais espaço nessa convocação, pois impregna, da métrica ao assunto, todo um livro (*Memórias do Navegante*).

Numa permanente preocupação com o tempo, a poesia de Rodrigues de Paiva pauta-se pela recordação, uma das dimensões da problemática existencial do homem — a do ser e do tempo. A esse gosto pela recordação, que lhe parece ter sido inculcado tanto pelo pai (cf. o que foi observado em “Cinco elegias para o emigrante”), como pela mãe (cf. “*In memoriam memoriae*”) — lembremo-nos que a

⁵ Deu origem a um conjunto de quatro edifícios de doze andares, situados na Av. Urbano Duarte.

⁶ Espaço urbanizado, com o nome Vale das Flores, próximo à Quinta da Estrela. A Quinta das Flores é hoje nome de uma escola secundária, na rua Pedro Nunes, em Coimbra.

⁷ Às margens do Rio Mondego, pertenceu ao Conde de Farrobo e, posteriormente, a José Maria da Silva da Fonseca, que dele a comprou. Situada na hoje Avenida Urbano Duarte, nela funcionam a Casa de Formação Cristã da Rainha Santa (para jovens do sexo feminino, em risco) e o Clube dos Empresários.

saude é um traço cultural português e que o próprio escritor diz “não se pode ter um passado independente: ele está sempre ligado direta ou indiretamente ao passado de outras pessoas” (PAIVA, 1969, p.19) —, juntam-se outros inúmeros dados autobiográficos e imagens em que se refletem o que viram os olhos do menino, do jovem e do homem José Rodrigues de Paiva, bem como cenas e cenários imaginados pelo poeta. Seu texto é, assim, o melhor exemplo do “trabalho de Orfeu, quando em si mesmo / mergulha a procurar a salvação” (PAIVA, 2008, p.103).

Referências

DANTE Alighieri. *La Commedia di Dante Alighieri*: nel testo critico della società dantesca italiana c/ esposta da Enrico Mestica. Firenze: R. Bemporad & F., [s.d]. 3 v.; v. 1: Inferno; v. 2: Purgatorio; v. 3: Paradiso.

LEJEUNE, Philippe. *L'autobiographie en France*. 2. ed. Paris: Armand Colin, 1998.

MIRANDA, Francisco de Sá de. *Poesias*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989 (Fac-símile da edição de 1885, organizada por Carolina Michaëlis de Vasconcelos), p. 81

PAIVA, José Rodrigues de. “O sorriso da Gioconda”. In: *Três Noite no Sobrado*, Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1969

_____. *Vozes da Infância*, Recife: Edições Encontro / Gabinete Português de Leitura / Associação de Estudos Portugueses João Emerenciano, 1986.

_____. *O Círculo do Tempo*, Recife: Edições Dédalo, 1996.

_____. *Memórias do Navegante*, Recife: Edições Dédalo, 2000.

_____. *O Trabalho de Orfeu*. In: *As Águas do Espelho*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2008, p. 99-142.

_____. “Angustiário”. In: *As Águas do Espelho*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2008, p. 149-180.

PAIVA, José Rodrigues de & AGUIAR, Cláudio. *Literatura e Emigração*. Recife: Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano, 2001.

RÉGIO, José. “Cântico negro”, *Poemas de Deus e do Diabo*. 4ª ed., Lisboa: Portugália Editora, [1955]

Recebido em 18/04/2016. Aprovado em 18/04/2016.